

USO E SISTEMATIZAÇÃO DAS CLASSES DE PALAVRAS - SUBSTANTIVO E ADJETIVO: A TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICO-GRAMATICAL APLICADA AOS ESTUDOS MORFOLÓGICOS - PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

Antonio Cilírio da SILVA NETO (UFT)¹
Luiz Roberto Peel Furtado de OLIVEIRA (UFT)²

Resumo: Esta proposta de estudos tem como pressuposto analisar o contexto teórico das gramáticas mais atuais e os postulados de gramáticos e linguistas acerca dos aspectos morfológicos da língua materna, especialmente no ensino fundamental. Investigar, também, o uso e a sistematização das classes de palavras - substantivo e adjetivo nesse nível de ensino. Partindo da noção de gramática como um “aparato que arranja os sentidos na língua”, um mecanismo que nos permite “ensopar de precisão a nossa língua”, ou que nos faz “perder nos trilhos de por onde ir” (NEVES, 2012, p. 24), tem também como objetivo discutir questões teóricas e práticas voltadas à formação de professores de português, bem como o uso, a produção e a análise de materiais didáticos a partir de teorias e análises linguísticas. Nosso trabalho tem como principal referencial teórico a teoria da complexidade de Edgar Morin; logo, nosso ponto de partida metodológico não pode ser fechado nem restrito, já que a realidade, tanto teórica quanto prática, a ser pesquisada é evidentemente complexa e exige uma postura madura e aberta. Esta pesquisa faz parte de um projeto maior que tem como escopo a elaboração de material didático dirigido às séries iniciais do ensino fundamental. Sendo assim, tomando o ensino sobre gramática em especial o ensino dos estudos morfológicos na educação em língua materna nos primeiros anos do ensino fundamental, vemos que precisamos nos fiar em uma teoria ou doutrina filosófica que nos dê suporte para tal desafio.

Palavras chave: Ensino de Gramática; Ensino de Morfologia; Língua Portuguesa; Material Didático.

1. Introdução

Atualmente, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais face as exigências para a Educação Básica, diz que a escola precisa se reinventar, ou seja:

"priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, participativos, cooperativos, preparados para diversificadas inserções sociais, políticas, culturais, laborais e ao mesmo tempo capazes de

¹Mestrando no Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL no Mestrado em Ensino de Língua e Literatura - MELL da Universidade Federal do Tocantins - UFT. acilirio@bol.com

²Doutor em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo - USP. Professor no Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL da Universidade Federal do Tocantins - UFT. luizpeel@uft.edu.br

intervir e problematizar as formas de produção e de vida" (DCN, 2013, p. 16).

Portanto, a escola tem diante de si o desafio de sua própria recriação, reinvenção, para as Diretrizes (2013), tudo o que se refere à escola é invenção, por isso, os rituais escolares são invenções de um determinado contexto sociocultural em movimento.

Neste artigo, nosso pressuposto é analisar, o contexto teórico das gramáticas mais atuais e os postulados dos gramáticos e linguistas Bagno (2011), Castilho, (2012), Cunha e Cintra (2007), Perini (2013) e Neves (2012), para o ensino voltado aos aspectos morfológicos (substantivo e adjetivo) da língua materna no ensino fundamental,

Temos a ideia de que o ensino sobre gramática em especial o ensino dos estudos morfológicos na educação em língua materna nos primeiros anos do ensino fundamental é, ainda, significativo, vemos que precisamos nos fiar em uma teoria ou doutrina filosófica que nos dê suporte para tal desafio. Desta maneira, seguiremos a teoria da complexidade de Edgar Morin (2008) e o método da pesquisa-ação de Thiollent (2007).

2. Gramática: linguistas e gramáticos e o ensino

Quando falamos de gramática e no seu ensino, pensamos na escola, especialmente no Ensino Fundamental, e conseqüentemente em toda Educação Básica, e pensamos na busca da qualidade, que não tem sido tão estimulada quanto à quantidade. Na universalização do acesso à escola, prima-se pela quantidade, que é necessária, mas não assegura-se a permanência do educando, essencial para a qualidade. Só a oportunidade de acesso não é garantia para a inserção no mundo do conhecimento.

Sendo assim, a abordagem variacionista, nos serve como apoio, pois, a mesma está voltada para superar o tratamento estigmatizado dos usos linguísticos, onde todas as expressões tem sua legitimação justificada pela multiplicidade de fatores que intervêm no âmbito social, nessa perspectiva a chamada norma culta ou língua padrão, passa a ser mais uma variante de uso. Para Oliveira e Wilson (2009) a norma culta passa a ser entendida como o aprendizado de uma prática necessária à ocupação dos postos de prestígio, uma ferramenta capaz de concorrer para a ascensão a lugares de maior visibilidade e mérito social. Concomitantemente, para essas autoras a abordagem variacionista também está relacionada à formação de professores de língua materna.

Posto isso, a gramática, segundo Antunes "compreende o conjunto de regras que especificam o funcionamento de uma língua[...], não existe língua sem gramática [...], não existe falante sem conhecimento de gramática" (ANTUNES, 2009, p. 85-86). Sendo assim, "a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, leem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua" [...] "a gramática reflete as diversidades geográficas, sociais e de registro da língua" (idem, 2009, p. 89).

Diante dessa compreensão, o professor de português deverá ter o cuidado de trazer para a sala de aula uma gramática que seja relevante aos usos sociais da língua; que seja funcional na aplicação em textos de diferentes gêneros; contextualizada na interação verbal, que traga algum tipo de interesse estimulante, desafiador e intrigante; que liberte, que 'solte' a palavra para incentivar a fluência linguística; uma gramática que prevê mais de uma norma, onde a norma padrão, socialmente prestigiada, não seja a

única certa, não deixando de perceber as normas estigmatizadas com seu valor, sendo funcionais, não são aleatórias nem significam falta de inteligência de quem as usa; uma gramática, enfim, que é da língua, que é das pessoas calcada na interação verbal, interação que se é linguística, é também gramatical (ANTUNES, 2009).

Bagno (2013), afirma que o professor deve ser um profundo conhecedor da gramática normativa para poder mediar a análise linguística de maneira apropriada. E que “é essa necessidade semântico-pragmática o motor de tudo quanto fazemos com a linguagem” (p.108).

Por esse caráter, é que as classificações gramaticais da língua não devem ser tomadas como fixas e definitivas como diz Bagno. “Teorias linguísticas contemporâneas tentam mostrar que as palavras navegam pela nebulosa da língua sem respeitar fronteiras rígidas, sem se encaixar nessa ou naquela classe gramatical” (BAGNO, 2013, p. 109), assim sendo, para esse autor as classes gramaticais não são mesmo campos fechados, “mas, sim, domínios conceituais com um centro definido e bordas fluidas, por onde as palavras podem entrar e sair sem dificuldade” (idem, 2013, p.109).

Nesse sentido, notamos que as classes gramaticais "não existem como dados da natureza, que podemos aprender pelos nossos sentidos feito uma pedra, a água, o ar, o som, um inseto, um peixe, uma célula etc. [...] são tentativas de aprender e categorizar aquilo que, de fato, é fluido e nebuloso” (BAGNO, 2013, p. 111). E conclui, os estudantes e os professores também vão achar interessante saber que não existe verdade definitiva sobre a língua, como não existe verdade definitiva sobre nenhum campo de conhecimento e que é assim, que se faz ciência para esse autor.

3. A Metodologia

Em nosso trabalho um dos principais referenciais teóricos é a teoria da complexidade de Edgar Morin (2008); logo, nosso ponto de partida metodológico não pode ser fechado nem restrito, já que a realidade, tanto teórica quanto prática, a ser pesquisada é evidentemente complexa e exige uma postura madura e aberta.

Portanto, para esse autor, a complexidade **requer distinção**, onde objeto e meio não se separam se complementarizam, **requer objetivação**, porque o sujeito conhecedor é ele próprio objeto, **requer análise e seleção**, porque a realidade é multidimensional e o nosso *complexus* é tecido junto, inseparável, constituído da seleção desse todo.

A nossa pesquisa será voltada para a descrição de situações concretas e para a intervenção ou a ação orientada em função da resolução de problemas, Thiollent (2007) diz que não há incompatibilidade em progredir com a teorização a partir da observação e descrição de situações concretas, nem haver dedução do geral para o particular ou do particular para o geral, precisa-se estabelecer é um constante vaivém, a pesquisa-ação apesar de privilegiar o lado empírico, ela nunca deixa de lado as questões de referência teórica, pois sem ela a pesquisa empírica não faria sentido.

Nesse caso, Thiollent (2007), diz que há casos em que o objetivo da pesquisa-ação é sobretudo instrumental, com propósito limitado, objetivos voltados para a tomada de consciência, nesse caso, não se trata de resolver um problema imediato, mas desenvolver a consciência de uma coletividade à respeito de problema que se enfrenta, mesmo que não se veja soluções a curto prazo, o objetivo é tornar evidente aos olhos dos interessados a natureza e a complexidade do problema.

Tomam-se, por exemplo, o estudo de aspectos gramaticais que se quer empreender nesse trabalho, as classes de palavras substantivo e adjetivo no contexto teórico das gramáticas pedagógicas e no livro didático.

As possíveis contribuições da pesquisa-ação, no caso desta pesquisa, em termo de conhecimento novo, um conhecimento potencialmente alcançável, além de conhecimento teórico e metodológico, ela será utilizada para a produção de guias ou de regras práticas para resolver um problema e planejar correspondentes ações, como a possível elaboração de material didático com proposta de ensino sobre substantivo, adjetivo e concordância (provavelmente um *software*, com jogos e exercícios lúdicos), seguindo as pesquisas de linguistas e gramáticos relacionados ao ensino e uso de aspectos da morfologia.

3. As Gramáticas e a sistematização das classes de palavras substantivos e adjetivos

Para se falar de língua e gramática, antes é preciso se ter em mente que quando se lida com uma língua natural, operamos com um "objeto científico escondido" (CASTILHO, 2012, p. 41), e o português brasileiro não escapa à essa dificuldade.

Esse autor compara o trabalho de gramáticos e linguísticas ao de um botânico, enquanto este trabalha com a fisiologia, a anatomia e a doença que atacam as plantas, que são externos a ele, são dados do mundo real, por outro lado, isso não quer dizer que nas ciências exatas e biológicas não ocorram teorizações em que a imaginação tenha seu lugar, mas o objeto continua externo; aqueles, gramáticos e linguistas, "operam com um objeto guardado em sua mente e na mente dos indivíduos de sua comunidade, lidando com uma propriedade interna a ele, não evidente no mundo real" (CASTILHO, 2012, p. 41), esse objeto são as línguas, à qual sempre se produz resultados incompletos.

Quando procuramos teorizar, saímos procurando diversas teorias linguísticas e gramaticais, tentando ordená-las em várias direções, dependendo do nosso interesse. "Teorizar vem de teoria, palavra grega que significa mais ou menos 'ponto de vista'" (CASTILHO, 2012, p.42), no nosso caso um ponto de vista sobre a língua e sua gramática. A palavra teoria vem do substantivo grego *theoría* que se deriva do verbo *thedo*, que significa ver. O substantivo *théatron*, em português teatro é o lugar onde se vê (o espetáculo), e faz parte dessa etimologia.

Diante disso, os linguistas e gramáticos quando falam de língua, geralmente, tomam quatro grandes direções, vêem a língua como um **conjunto de produtos**, o que chamamos de Gramática descritiva; como **conjunto de processos mentais, estruturantes**, Gramática funcionalista-cognitivista; como **conjunto de processos e produtos que mudam ao longo do tempo**, Gramática histórica; e a língua tida como **conjunto de bons usos**, Gramática prescritiva (CASTILHO, 2012).

Segundo Neves, é necessário termos a noção de gramática como um "aparato que arranja os sentidos na língua", um mecanismo que nos permite "ensopar de precisão a nossa língua", ou que nos faz "perder nos trilhos de por onde ir" (NEVES, 2012, p. 24). Entre outros dizeres, para essa autora, a gramática ora pode nos ajudar a organizar a língua, ora pode nos deixar de fora de tal organização.

Neves (2012) registra que é a Dionísio Trácio que se atribui uma arte da gramática (*Téchne grammatiké*), a primeira gramática do Ocidente, editada em 1715. Para Oliveira, a *Techné Grammatiké* de Dionísio Trácio é "um texto grego que chegou até nós em dezenas de manuscritos medievais (X - XVIII séculos)" (2011, p. 7-8).

A gramática, nessa época, ganhou o conceito de "conhecimento empírico do que se diz frequentemente nos poetas e nos prosadores" (DIONÍSIO *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 8), Oliveira diz que era um conhecimento não interiorizado, surgido de experiências de análise textual ou filológica.

Atualmente, muitos linguistas, entre eles Perini (2013), afirmam que a disciplina de gramática deve ser ensinada cientificamente, pois nela temos que lidar com diversas classes de palavras, e que há boas razões para isso, porque se todas as palavras pertencessem a mesma classe, não seria possível descrever a aceitabilidade, como nas frases "um outro gato." e "*outro um gato". Deve ser tida como disciplina que estuda uma parte importante do nosso conhecimento do mundo programado no nosso cérebro, e acessível à observação através do comportamento e do julgamento dos falantes, uma disciplina científica com o escopo no estudo, na descrição e na explicação de fenômenos do mundo real (PERINI, 2013).

As classes de palavras, ou seja, **classes de formas** são tratadas de maneira inadequada nas gramáticas tradicionais, e que seria necessário fazer considerações teóricas sobre o que vem a ser classe e em particular distinguir classe de função. "As funções se definem no contexto em que ocorrem, mas as classes se definem fora do contexto". "Uma classe é o conjunto das formas que têm o mesmo potencial funcional" (PERINI, 2013, p. 290-291).

Diante disso, para esse autor, não podemos distinguir substantivos de adjetivos, pois como classe de formas, pertencem ao que ele chama de nominais, palavra nascida da crença de que ser ou não um constituinte imediato de um sintagma nominal é um traço gramaticalmente importante. Por exemplo, para distinguir palavras como amigo, mesa, alto são nominais, mas as palavras 'então, de', 'certamente' não são, o que podemos dizer de maneira geral, por exemplo: somente os nominais podem ter gênero, número, marcado pelo sufixo -s e potencial referencial. Esse autor diz que "não podemos dizer que todos os nominais podem ter gênero, mas podemos dizer que somente os nominais podem" (PERINI, 2013, p. 298).

Outro autor, que faz parte do nosso referencial teórico, Marcos Bagno (2011), diz que a história das classes de palavras é uma verdadeira saga, uma boa epopéia, repleta de peripécias, reviravoltas e vicissitudes, com brigas familiares, traições, deserções etc.

No século XVII, o gramático francês Nicolas Beauzée, propôs que os adjetivos se separassem dos substantivos, Bagno diz que essa independência vive em constante ameaça, apesar de ter se fixado nas gramáticas normativas, sempre contestada por linguistas. Bagno concorda que os substantivos e adjetivos pertencem à classe dos nomes, pertencentes a subclasse de uma classe maior, a dos nominais, como fizeram os estóicos e como faz Perini, contraditoriamente, também, compartilha com a ideia de distinção entre essas duas categorias.

Para Bagno (2011), o gênero e o número dos adjetivos concordam com o substantivo, como em homem bonito, mulher bonita, homens bonitos, mulheres bonitas. Ele, diz que a existência de adjetivos que têm a mesma forma no masculino e no feminino é a prova de que a inexistência de marca morfológica de gênero não altera em nada a compreensão do enunciado, como em homem/mulher **grande**, limão/maçã **verde** etc.

Quanto ao grau, Bagno concorda com Castilho (2012), os substantivos, sendo referenciais, não admitem gradação, eles admitem sufixos de aumentativo e diminutivo, mas informam o tamanho, a dimensão do objeto referido. O sufixo **-vel** traz a ideia de participio passado, como em dirigível = que pode ser dirigido. O sufixo **-oso** é aplicado a substantivo para a formação de adjetivos que expressam abundância e intensidade,

como em formoso, formosa, formosos, formosas. o sufixo **-ês** e **-ense** é usado para a formação de gentílicos: língua **portuguesa** (adj.), **o português** (subst.); o povo **amapaense** (adj.), **as amapaenses** (subst.). A modalização dos adjetivos, por meio do advérbio, se dá quando o adjetivo modifica o substantivo, como em '**muito** feliz, **menos** alegre etc., as palavras mais muito e menos ocorre diante de um substantivo, pois não é advérbio, é um quantificador indefinido, conforme a tradição, um pronome indefinido (BAGNO, 2011).

Bagno (2011) resume, assim, as propriedades morfossintáticas dos nomes, para os substantivos o **gênero** é inerente masculino e feminino, e a formação do feminino se dá por derivação, já os adjetivos somente por flexão; o **número** do adjetivo e do substantivo se dá por flexão; o **grau** não ocorre nos substantivos, somente nos adjetivos e por derivação; por fim, o **tamanho** que acontece somente nos substantivos e por derivação.

Esse autor, enfim nos passa a lição de que se quisermos tratar de substantivos e adjetivos de modo prático, vale a pena retomar a lição de João de Barros em sua gramática de 1940 que dizia: "o teste é substituir o termo pela palavra *coisa*: se a substituição for possível, é porque se trata de um substantivo (coisa forte); se não for possível, é um adjetivo (*cavalo coisa)" (*apud* BAGNO, 2011, p. 697). E conclui, qualquer palavra antecedida do artigo o/a/os/as é substantivo, essa é "a receita para transformar qualquer palavra de qualquer classe num substantivo, como em: o olhar, o azul, o bem, o antes e o depois, o como e não o porquê, o onde e o quando..."(p. 697). Esses são os seus postulados.

Para conceituar e definir **substantivo**, temos em Cunha e Cintra o conceito de "palavra que designamos ou nomeados os seres em geral" (2007, p. 191). E temos ainda um conceito funcional, desse autor para essa classe, como "palavra que serve, privativamente, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do indireto e do agente da passiva" (*idem*, p. 192).

Para eles, a subdivisão do nomes substantivo e adjetivo só podem ocorrer obedecendo a um critério basicamente sintático, funcional. Sendo o adjetivo essencialmente um modificador do substantivo, que serve para indicar uma qualidade (ou defeito), como em 'inteligência lúcida' e 'homem perverso'; indicar um modo de ser, como nos exemplos: 'pessoa simples' e 'moça delicada'; indicar aspecto ou aparência, como: 'céu azul' e 'vidro fosco'; e indicar estado, como em 'casa arruinada' e 'laranja florida'.

Cunha e Cintra (2007), também dizem que o adjetivo serve para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, espaço, matéria, finalidade, propriedade etc., como nos exemplos, (p. 259): nota mensal, movimento estudantil, casa paterna, vinho português.

Apesar, dos pontos de contato e compartilharem as propriedades morfológicas de gênero e número, afastam-se, porque, segundo Castilho (2012):

1. O adjetivo aceita flexão de grau, expressa por sufixos produtivos, como em branquíssimo, ou por terminações que são vestígios do latim, como em maior, menor, melhor, pior, ou por Especificadores e Complementadores: [mais Adj. do que X], [tão Adj como X], [o mais Adj dos X], como em "mais branco do que neve", "tão branco como a neve", "a mais branca das neves".

2. Adjetivos podem ser criados por derivação de modo, expressa por {-vel}, como em amável (o que pode ser amado), provável (o que pode ser provado). Já os substantivos não aceitam esse sufixo, como 'mesável', salvo quando se quer transformá-lo em

adjetivo, como em 'reitorável, papável, exemplos vindo de Rodolfo Ilari, segundo Castilho.

3. O adjetivo aceita a derivação por {-mente}, transformando-se em advérbios como em 'facilmente', que não ocorre com os substantivos, como em 'mesamente', salvo quando se pretende adverbializá-lo, em que o autor utiliza-se de exemplo de Basílio, "Morfologia e Castilhamente, um estudo das construções X-mente no português do Brasil".

4. O adjetivo aceita a derivação de quantificação, expressa por {-oso, -al}, como em estudioso (o que estuda muito), sensacional (o que causa muita sensação), e que não ocorre com os substantivos, como 'mesosa, mesal'. (CASTILHO, 2012)

Castilho (2012), enfim, justificou com isso os seus argumentos para a conveniência de distinguir adjetivos de substantivos do ponto de vista da morfologia.

A proposta de Maria Helena Moura Neves, exposta na apresentação de sua Gramática de Usos do Português Brasileiro, foi a de compor uma gramática da língua portuguesa atual, mostrando como se explicitam as regras que regem o funcionamento desta língua, em todos os níveis; tomando como suporte para esta análise seu uso em textos reais. Por esta razão, segundo a autora:

O que está abrigado nas lições é, portanto, a língua viva, funcionando e, assim, exibindo todas as possibilidades de composição que estão sendo aproveitadas pelos usuários para obtenção do sentido desejado em cada instância. (NEVES, 2011, p. 13).

Neves assume a necessidade de uma investigação gramatical que descreva o comportamento das diferentes classes gramaticais segundo a funcionalidade de seu emprego nos diferentes níveis e funções que atuam e exerçam, pensamento compartilhado por todos os linguistas e gramáticos aqui elencados neste artigo.

Na tarefa da natureza da classe do substantivo Neves (2011) postula que a classe denominada de substantivos, ou nomes abriga dois grupos de elementos muito diferentes entre si conforme a denominação, os substantivos comuns e os substantivos próprios, conforme os exemplos abaixo (p. 67):

Começou a obter grande voga de flores ambíguas, isto é, a de NOME tomado a um sentimento humano. (ESS) Aqui nome se refere ao nome de uma classe de flores.

Mas entendo: eu devo ter sido prejudicada pela troca de NOME. (PEL) Aqui se refere ao nome de uma pessoa.

Na natureza da classe dos adjetivos, Neves (2011, p. 173), diz que os adjetivos são usados para substituir uma propriedade singular a uma categoria denominada por um substantivo, que funcionam qualificando ou subcategorizando, como nos exemplos:

Lembro-me de alguns, Dr. Circinato Richter, homem GRANDE, GENTIL e SORRIDENTE, que às vezes trazia seu filhinho Roberto e a esposa, moça BONITA E SIMPÁTICA. (ANA) Aqui qualificando.

Foi providenciada perícia MÉDICA e estudo PSICOLÓGICO. (ESP) Aqui subcategoriza.

4. As classes de palavras (substantivo e adjetivo no livro Porta Aberta

Vale destacar neste trabalho os aspectos morfológicos do livro didático Porta Aberta (2011) do 3º ano do Ensino Fundamental de Bragança e Carpaneda, do PLND

2013, 2014 e 2015, adotado na maior parte das escolas do município de Imperatriz, aspectos relacionados as classes de palavras substantivos e adjetivos.

O livro está dividido em quatorze unidades, sendo que a partir da unidade 5 no estudo da língua, que surge o substantivo próprio e o comum, na unidade 7 o número do substantivo - singular e plural, na unidade 8, o gênero do substantivo - masculino e feminino, na unidade 9, o grau do substantivo - aumentativo e diminutivo, dando um salto chega-se a unidade 13 que faz o estudo do adjetivo.

Bragança e Carpaneda (2011), apresentam no livro didático o estudo da língua, na unidade 5 que trata do substantivo, dizem que todas as coisas têm um "nome", em seguida conceituam substantivo como palavras que dão nome a pessoas, animais, plantas, objetos, lugares e sentimentos. A partir desse conceito, dizem que os substantivos comuns dão os nomes de objetos, plantas, frutas, flores e sentimentos, e os substantivos próprios dão os nomes de pessoas, lugares e animais domésticos.

Para a elaboração de um exercício, informam ao leitor que "os substantivos comuns são escritos com letra inicial minúscula, a não ser que venham depois de algum sinal de pontuação, e os substantivos próprios sempre são escritos com letra inicial maiúscula" (BRAGANÇA e CARPANEDA, 2011, p. 110).

A unidade 9 apresenta, o grau do substantivo, aumentativo e diminutivo, as autoras informam que no substantivo, há três graus, o grau normal, que indica tamanho normal, o aumentativo, que indica tamanho grande, e o diminutivo, que indica tamanho pequeno. Dizem, que o grau aumentativo termina em -ão e o diminutivo em -inho e -inha, mas há outras formas de aumentativo e diminutivo. Na página seguinte eles avisam que nem sempre o -ão é aumentativo, como em furacão, limão; e que nem todas as palavras terminadas em -inha são diminutivo, como em farinha, linha, rainha etc. O aumentativo nem sempre indica coisa maior, como amigão, que pode expressar grande amizade.

De acordo com as gramáticas mais atuais, que estamos analisando e refletindo sobre o substantivo ambas afirmam que o grau não ocorre nos substantivos, o que se tem é uma ideia de tamanho, que só se dar por derivação, segundo Bagno (2011), porém parece ainda arraigada pela tradição gramatical da Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Portuguesa que seguem uma longa tradição no ensino do idioma (CUNHA e CINTRA, 2007).

Na unidade 13, a penúltima unidade, as autoras apresentam a classe dos adjetivos, apesar de já vindo dando pinceladas ao longo do livro sem denominá-la. Elencam uma série de palavras para dar características a um cachorro personagem de uma estória, como galante, forte, bonito, especial etc. Retoma os substantivos para dar-lhes características, para enfim, nomear adjetivo como a palavra que acompanha o substantivo, dando qualidade aos seres, caracterizando-os, assim, encerra o assunto.

Diante do exposto, Bragança e Carpaneda, na organização da obra Porta Aberta, dizem que no estudo da língua devemos "trabalhar com os conhecimentos linguísticos de modo gradual, compatível com o desenvolvimento dos alunos" (2011, p. 12).

Enfim, percebemos que as autoras, ao produzirem os conteúdos, substantivos e adjetivos, do livro didático do 3º ano, se embasaram, ora em autores que circulam pela teoria gramatical, ora em autores que acreditam em um ensino, tido por eles, como renovado e inovador.

5. Considerações finais

Consideramos que as Gramáticas aqui pesquisadas apresentam sua utilidade para o ensino da língua portuguesa, procuramos averiguar qual sua validade como suporte de ensino, entendeu-se que foi imperioso o que nos informam as gramáticas de Bagno, Cunha e Cintra, Castilho, Neves, Perini para a compreensão do tema abordado, como também, suas contribuições para o encaminhamento da análise linguística a ser mediado pelo professor, dessa forma, recomendamos a consulta e utilização dessas como suporte nos trabalhos de sala de aula.

Para Bagno (2011) e em especial Antunes (2009), no trabalho de educação linguística na escola, é preciso não se deixar embriagar pelo seu conteúdo, pois a mesma tem sido mestra nisso: “tapeia-nos com os rótulos que têm as coisas da linguagem e nos priva de saborear seu gosto e provar do seu fascínio” (ANTUNES, 2009, p. 134).

E assim tem-se a língua como faculdade mais poderosa, o principal meio de apreensão da realidade e de intervenção nessa mesma realidade, vivemos mergulhados na linguagem, não podemos viver fora dela, estamos imersos na língua como os peixes na água, para Bagno ela é formada por um conjunto de sistemas: “LINGUAGEM = Léxico + Gramática + Discurso + Semântica: circulam, colidem se fundem” (BAGNO, 2011).

Fundamental, segundo esses autores, é que a escola possibilite a seus aprendizes leitura, escrita e letramento que abrem portas de incontáveis mundos discursivos, e é por meio da escolarização institucionalizada que esses aprendizes não tenham só o que dizer. Para Bagno e Oliveira é preciso saber dizer o que se tem a dizer, ou seja, “saber usar os múltiplos recursos que a língua oferece para a interação social” (BAGNO, 2011, p. 76), senão “encontraremos indivíduos que não sabem se expressar: nem dizer, nem escrever, nem pintar, nem desenhar, nem esculpir, nem dançar, nem representar, nem tecer, nem pensar. Somente falar” (OLIVEIRA, 2011, p. 58). Tendo isso em mente, sabemos que a função da escola é fazer com que esse aprendente saiba dizer e não apenas comunicar.

Portanto, discutimos questões teóricas e práticas voltados ao ensino de morfologia (substantivo e adjetivo), bem como o uso, e a análise de materiais didáticos a partir de teorias e análises linguísticas no estudo das gramáticas que se queremos empreender em trabalho futuro, que remontam desde o início da sistematização da língua, até as considerações mais contemporâneas sobre a mesma no ensino da língua portuguesa e sua relação com a prática docente, ou seja, das teorias até a prática de análise linguística e estudo da gramática e suas variações em contextos de ensino. Esta pesquisa fará parte de um projeto maior que tem como escopo a elaboração de material didático para as séries iniciais do ensino fundamental.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Aula de português – encontro e interação*. 9ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BAGNO, Marcos. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013..

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: 144p. 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Nacionais da Educação Básica/Ministério da Educação*. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 542p.

CARPANEDA, Isabella P. de Melo. BRAGANÇA, Angiolina D. *Porta Aberta: letramento e alfabetização*. 3º ano, 2011. 3ª ed. São Paulo: FTD, 2013.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Celso. LINDLEY CINTRA, Luís F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa*. Tradução: Sandra Netz. 2ª edição. Porto Alegre - RS: Bookman, 2004. Reimpressão 2007.

MORIN. Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução: Dulce Matos. 5ª ed. Instituto Piaget, Lisboa-PT: Piaget editora, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos de português*. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. *A gramática de Dionísio Trácio e seus contrapontos semânticos*. Campo Grande – MS: Editora Oeste, 2011.

PADERES, Adriana M. RODRIGUES, Regina de B. GIUSTI, Sonia R. *Teoria da Complexidade: percursos e desafios para a pesquisa em educação*. Revista de Educação. <http://200.18.45.28/sites/residencia/images/Disciplinas/pesquisa%20metodo%20complexidade.pdf>. acesso: 15/05/2014.

RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho. *Morfologia da Língua Portuguesa*. www.portal.virtual.ufpb.br/morfologia_da_langua_portuguesa_136007373. Acesso: 03/jan/2014.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 15ª edição. São Paulo: Cortez, 2007.

ZACCUR, Edwiges. Por que não uma epistemologia da linguagem. In: GARCIA, Regina Leite (org). *Método; Métodos; Contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003